

Expressões locais e nacionais no acervo do Museu de Artes Visuais da Unicamp

EJE. Extensión, docencia e investigación

AUTORES: Maria de Fátima Morethy Couto

REFERENCIA INSTITUCIONAL: Instituto de Artes/ Caixa Postal nº 6159 - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP - 13083970 – Campinas – SP - Brasil

CONTACTOS: mfmcouto@iar.unicamp.br

RESUMEN:

A Universidade Estadual de Campinas é uma das maiores universidades públicas do Brasil. Conta hoje com mais de 50 cursos de graduação, nas mais diferentes áreas do saber (ciências exatas, tecnológicas, biomédicas, humanidades e artes). A qualidade da formação oferecida pela Unicamp é favorecida pela relação que historicamente mantém entre ensino, pesquisa e extensão, bem como pela alta qualificação de seus professores, quase a totalidade com titulação mínima de doutor. O museu de Artes Visuais da Unicamp, ainda em fase de implantação, tem como missão possibilitar a promoção e difusão da educação, pesquisa e do conhecimento em artes visuais. Propõe-se a ser um centro de educação e pesquisa em artes visuais, que inclua o passado no presente e promova uma reflexão aprofundada sobre as manifestações artísticas mais atuais. Para tanto, tirará proveito da sólida estrutura institucional da Unicamp. Minha comunicação tem por objetivo apresentar o acervo do Museu de Artes Visuais da Unicamp e discutir as questões específicas que a diversidade de seu acervo nos trazem, em especial em termos de definição dos eixos conceituais que presidirão sua expansão. Pretendo ainda apresentar algumas das pesquisas realizadas, pelo grupo *Arte de Vanguarda em Campinas: textos, obras exposições*, a partir do acervo do Museu.

DESARROLLO

Introdução

O Museu de Artes Visuais da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que se encontra em fase de implantação, conta com um acervo de cerca de 1.000 obras, a maioria de caráter bidimensional, de alguns dos mais importantes artistas plásticos brasileiros atuantes no século XX, como Geraldo de Barros, Marcelo Grassmann, Hermelindo Fiaminghi, Hércules Barsotti, Antônio Henrique Amaral e Renina Katz. Tais obras foram adquiridas ou incorporadas ao acervo ao longo dos mais de 20 anos de atuação da galeria de artes do Instituto de Artes/Unicamp, fundada em 1984, e foram doadas, pela Direção do Instituto de Artes, em agosto de 2009 à Reitoria da Universidade com o objetivo de possibilitar a criação do novo museu.

Destacam-se, deste conjunto, em razão de seu número, as 55 obras da série *Jogos de Dados*, do artista paulistano Geraldo de Barros, um dos fundadores do grupo concretista *Ruptura*, e as quase 300 obras do pintor de origem polonesa Anatol Wladislaw, também integrante do grupo concreto no início dos anos 1950, doadas pela viúva do artista. Estes dois artistas, juntamente com Hermelindo Fiaminghi e Hércules Barsotti participaram ativamente da defesa de uma arte abstrata de cunho racional no Brasil do pós-guerra, com trabalhos que romperam com o caráter representativo da arte e adotaram o elemento geométrico como valor autônomo. Antônio Henrique Amaral, por outro lado, distinguiu-se no cenário artístico brasileiro da década de 1960 por meio de obras figurativas que criticavam abertamente a ditadura militar brasileira. Já Renina Katz e Marcelo Grassmann são dois gravadores cujas composições têm forte apelo expressivo e derivam de temas subjetivos.

O museu comporta ainda um número significativo de desenhos e pinturas de artistas plásticos que atuaram predominantemente na cidade de Campinas e região, e cuja ação foi determinante para o fim do predomínio das tradições acadêmicas na cidade, no final dos anos 1950. Estes trabalhos formaram o núcleo inicial do acervo da galeria e se constituem, numericamente, em parte expressiva de nossa coleção. Possui igualmente obras de artistas mais jovens, que expuseram na galeria e ali deixaram um de seus trabalhos.

Embora jamais tenha tido uma política efetiva de aquisições, algumas ações puderam ser realizadas pelo conselho deliberativo da galeria, em diferentes momentos de sua história, com o objetivo de ampliação do acervo. Ressalte-se que o fato de ser uma galeria, e não um museu, dificultou o estabelecimento de uma política de aquisições em termos institucionais, uma vez que a meta maior da galeria era a de promover eventos

ligados às artes visuais e estabelecer intercâmbios culturais. Estas ações esporádicas resultaram basicamente na compra de obras de artistas locais, o que aumentou ainda mais esta parcela do acervo. Em 2002, por exemplo, foi adquirido um total de 250 obras do artista campineiro Mário Bueno (1919-2001), incluindo-se aí 104 estudos, 21 pinturas a óleo e várias séries em papel, de diferentes fases de sua carreira (xilografuras, desenhos a nanquim e acrílica sobre papel). Nesta ocasião, a família de Bueno doou para a galeria diversos documentos pessoais por ele conservados, tais como recortes de jornal e revistas sobre seu trabalho e sobre o movimento artístico em geral, catálogos de exposição, escritos inéditos, fotografias e livros. Outra compra marcante foi a da coleção Arruda, efetuada em 2007, composta por um total de 46 obras, a maioria, novamente, de artistas campineiros do grupo vanguarda. Nestes dois casos, creio que o fato de serem trabalhos de artistas de destaque na região favoreceu o processo de aquisição, uma vez que a Unicamp, por sua localização geográfica, tem relação especial com a cidade de Campinas e seu entorno. Assinalo ainda que talvez venham a fazer parte da coleção do Museu obras de arte pertencentes a outros acervos da Universidade, atualmente sob a guarda de vários institutos/unidades.

Trata-se, portanto, de um acervo diversificado, que foi constituído a partir de ações isoladas e sem intenções precisas, mas que tem qualidade incontestável. Se ele não contempla amplamente a pluralidade da arte moderna e contemporânea brasileira, nem tampouco possui trabalhos de artistas internacionais consagrados, como é o caso, por exemplo, do Museu de Arte Contemporânea da USP, que teve sua origem na doação de uma coleção privada, ele certamente terá lugar de destaque no cenário regional e mesmo nacional. Nosso maior e primeiro desafio, nesse momento de implantação, tem sido o de definir os principais eixos conceituais do novo museu. Daremos continuidade a uma vocação que parece ser “natural”, qual seja, a de preservar a história das artes visuais da região de Campinas? E o que isto implicaria? Ou daremos início a ações mais ousadas, visando à constituição de uma coleção de maior espectro e amplitude, que corresponda ao desejo da Unicamp de ser reconhecida internacionalmente como um pólo difusor de conhecimento? As duas propostas talvez não sejam excludentes, mas devem ser pensadas de forma integrada, caso queiramos ampliar este acervo a partir de ações contínuas e determinadas, respeitando-se sua missão e objetivos.

O fato de o MAV/Unicamp ser um museu universitário nos leva a privilegiar atividades e projetos que tenham como propósito promover o estudo e a difusão do acervo, bem como

da educação, pesquisa e do conhecimento em artes visuais. Em abril de 2011, realizamos um evento intitulado *Museus de arte na atualidade: propósitos e proposições*, que teve por objetivo propiciar uma ampla reflexão sobre o papel do Museu de Arte hoje, em seus mais diferentes aspectos e, em especial, sobre experiências inovadoras em curso em outros museus no Brasil e no exterior. Prevemos, para breve, atividades de extensão nas áreas de História, Teoria e Crítica de Arte e Educação e Arte em Museus.

Ressalto que já escolhemos o projeto arquitetônico do museu e a construção de sua sede deverá iniciar-se em 2012. Criamos um site dedicado ao museu, que abriga todas as informações concernentes a seu processo de implantação, aos eventos e ações por nós realizados e trará informações detalhadas sobre seu acervo.

Arte de Vanguarda em Campinas: textos, obras, exposições (1950-70)

Como exemplo de um trabalho de extensão realizado a partir do acervo de obras e documentos do MAV, apresentarei os resultados parciais de um projeto de pesquisa por mim coordenado - *Arte de Vanguarda em Campinas: textos, obras, exposições (1950-70)*, projeto este que visa à seleção, organização, digitalização e estudo de documentos de época relacionados à produção de vanguarda em Campinas. O projeto envolve alunos do curso de graduação em Artes Visuais da Unicamp e do Programa de Pós-graduação da mesma instituição e conta com a participação de um professor da UnB (Universidade de Brasília). Obtivemos apoio financeiro de duas das maiores agências de fomento do Brasil: o CNPq e a FAPESP, o que nos permitiu a compra de diversos equipamentos de informática, câmera fotográfica, câmera de vídeo e gravadores.

Com o objetivo de divulgar nosso trabalho e de permitir que outros pesquisadores tenham acesso a textos, catálogos e materiais diversos que até então se encontravam dispersos, criamos um site (<http://www.iar.unicamp.br/vanguardasemcampinas>) que reúne vários documentos por nós selecionados bem como apresenta os resultados de nossas pesquisas. O site contém ainda uma seção dedicada à análise de obras que consideramos relevantes, por diferentes razões, para a história da arte de vanguarda em Campinas.

As pesquisas até aqui concluídas dentro deste projeto versaram, portanto, sobre o trabalho de artistas atuantes na cidade entre os anos 1950-70, bem como sobre

questões ligadas ao sistema de arte campineiro e suas relações com outros centros artísticos do país. Neste universo, foram analisadas as trajetórias e as obras de Bernardo Caro, Egas Francisco, Mário Bueno, Maria Helena Motta Paes, Raul Porto, e o caso dos Salões de Arte Contemporânea de Campinas nos anos 1960/70 e suas edições mais recentes na década de 1980. Uma das pesquisas versou ainda sobre a relação entre o grupo concreto paulista e os integrantes do grupo Vanguarda de Campinas. Atualmente, encontram-se em curso duas pesquisas de IC que analisam a obra de Maria Helena Motta Paes e a Casa do Sol, lugar de residência da escritora Hilda Hilst e ponto de encontro de vários artistas.

Ressalto também que realizamos duas exposições relacionadas a pesquisas por nós desenvolvidas na galeria de arte da Unicamp: *Arte em protesto: a obra de Bernardo Caro nos anos 1960/70*, apresentada de 6 de novembro a 12 de dezembro de 2008, e *Retratos e auto-retratos na obra de Egas Francisco*, apresentada de 26 de agosto a 11 de setembro de 2010.¹

Embora a temática deste projeto apresente um enfoque local, ele também possibilita uma ampla discussão sobre a relação entre centro e periferia; local, nacional e internacional no campo das artes e da história da arte, bem como sobre o estabelecimento de um vocabulário de vanguarda fora dos grandes centros de um país periférico. Nesse sentido, apesar de termos como eixo condutor de análise a situação das artes em Campinas, abordamos também, em nossas pesquisas, questões relativas ao circuito artístico e expositivo em outras cidades/capitais do Brasil no mesmo período. Nosso projeto insere-se assim em um conjunto de iniciativas acadêmicas que buscam relativizar a “centralidade do discurso nacional”, reavaliando os paradigmas estabelecidos nos eixos hegemônicos do país sobre a chamada “arte brasileira” ao incorporar questões que dizem respeito a problemáticas locais/regionais, que não ambicionam constituir uma idéia homogênea de Brasil.

A partir de análises minuciosas, discutimos a natureza tensa da relação entre a cidade de São Paulo, seus intelectuais, artistas e marchands, e as cidades do interior do estado, em especial Campinas. Até que ponto e em que medida paradigmas artísticos lá estabelecidos foram transplantados para o interior? Quais as conseqüências desse contato aparentemente tão próximo, confirmado, por exemplo, pelo interesse e apoio dos artistas concretistas de São Paulo em relação ao grupo Vanguarda, fundado em

¹ Ver, a esse respeito: <<http://www.iar.unicamp.br/galeria/bernardocarol/index.htm>> e <www.iar.unicamp.br/galeria/egasfrancisco/index.htm>

Campinas em 1958, assim como pela freqüente participação dos campineiros em Salões e mostras coletivas organizadas em São Paulo? E de que forma analisar a feição local, o tom provinciano e a relação direta de grande parte das obras dos integrantes do grupo Vanguarda com os códigos visuais das pinturas dos membros do grupo Santa Helena?

Nossas pesquisas, por outro lado, pautaram-se pela intenção de romper com discursos que, em busca de reconhecimento para artistas e manifestações excluídas da “grande história da arte”, excediam-se em comentários elogiosos e de pouco teor analítico. A maioria dos textos publicados na imprensa de Campinas ou em catálogos de exposição a respeito dos artistas da região tem tom laudatório e muitas informações de caráter biográfico são repetidas à exaustão. Apesar de reconhecermos a importância do trabalho dos artistas estudados e de lamentarmos seu esquecimento, procuramos analisá-lo a partir de um viés crítico, discutindo o impacto de suas ações e de suas obras no cenário local e regional, mas discutimos também suas limitações e empréstimos.

Um exemplo da importância do acervo do MAV para nosso grupo, foi a pesquisa desenvolvida por Juliana de Sá Duarte entre os anos de 2008 e 2010. Juliana estudou o trabalho de Mário Bueno, artista de grande destaque na cidade de Campinas. Para tanto, analisou as obras de Bueno que se encontram no MAV, assim como os documentos doados por sua viúva quando da aquisição realizada pela galeria em 2002, mencionada acima. Partindo deste conjunto de obras e documentos, a aluna pôde rever algumas das teses lançadas sobre o pintor e estabelecer conexões entre seu trabalho e o de outros artistas brasileiros, discutindo ainda a importância de algumas exposições realizadas em São Paulo, em especial as Bienais, para as transformações ocorridas na obra de Bueno.

É interessante destacar que muitos dos artistas campineiros de “vanguarda” atuantes nos anos 1950 sofreram forte influência do trabalho dos artistas concretos de São Paulo, que também se encontram representados de modo significativo no acervo do MAV. Conforme demonstrou Livia Diniz Ayres de Freitas, em outra pesquisa desenvolvida em nosso projeto, é possível afirmar que houve um produtivo entrosamento com o grupo concreto paulista, que manifestou recorrentemente seu apoio aos artistas de Campinas. Notas publicadas nos jornais de Campinas, no final da década de 1950, comprovam a presença dos artistas e poetas concretos de São Paulo

na cidade, promovendo exposições, palestras e cursos. Dentro desse contexto de trocas, vale ressaltar ainda que vários artistas campineiros participaram de Bienais de São Paulo e de Salões Paulistas de Arte Moderna, chegando a ganhar alguns prêmios significativos.

Espero ter podido demonstrar, ainda que parcialmente, o quanto nosso acervo é rico e diversificado e propicia investigações aprofundadas e de grande espectro, mesmo que tomando como objeto de estudo uma produção de caráter local, de autoria de artistas que jamais chegaram a ocupar um lugar de destaque na história da arte brasileira.